

A descrição da interação professor-aluno em selecionadas aulas coletivas de violão: Uma análise observacional a partir do sistema RIOS

Alan Caldas Simões

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – alanmpb@yahoo.com.br

Sérgio Luis de Almeida Alvares

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – salvaresbr@gmail.com.br

Resumo: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado concluída. Em nossa pesquisa, descrevemos a interação verbal e certas formas de comunicação não verbal, entre professor-aluno em três aulas coletivas de violão realizadas em um projeto social localizado na cidade de Vitória (ES), caracterizando-se, portanto, como uma pesquisa de natureza quantitativa. Para tal, utilizamos como referencial teórico-metodológico o trabalho desenvolvido por Erbes (1972). De nossa análise concluímos que o professor observado apresenta um perfil de ensino dominante/direto, onde as aulas de ensino coletivo assumem contornos de ‘estudo dirigido’ e/ou ‘ensaios supervisionados’.

Palavras-chave: Interação professor-aluno. Ensino coletivo de instrumentos musicais. Observação sistemática.

The description of the teacher-student interaction in selected group lessons guitar: An observational analysis from the system RIOS

Abstract: This work is the result of a research done. In our research, we describe the verbal interaction and certain forms of nonverbal communication between teacher and student in three small group lessons guitar made in a social project in the city of Vitória(ES/BRAZIL), characterized, therefore, as a quantitative research. Therefore, we used as a theoretical and methodological work developed by Erbes (1972). From our analysis we conclude that the observed teacher presents a profile of dominant/direct teaching, where classes take collective teaching outlines ‘directed study’ and ‘supervised trials’.

Keywords: Teacher-student interaction. Teaching in small instrumental music classes. Systematic observation.

1. Introdução

O campo da educação musical instrumental possui a tradição de práticas de ensino que se fundamentam, assim podemos descrever, na relação mestre-discípulo, onde, talvez de forma mais acentuada que em outras disciplinas, o professor é o exemplo a ser seguido de forma fiel pelo aluno/discípulo. A este aluno cabe apenas práticas, em sua maioria, de repetição, memorização e manutenção de um repertório clássico e romântico centro-europeu, enfatizando o desenvolvimento de habilidades técnicas, em busca da formação da figura do *virtuoso* (FERNANDES, 2000). Entretanto, existem diversas formas de se desenvolver um trabalho de educação musical instrumental ou vocal que permita ao aluno uma formação comprometida com a natureza e especificidades da linguagem artístico-musical (CRUVINEL, 2005; SWANWICK, 1979).

Podemos exemplificar tal realidade através dos projetos ou grupos de ensino coletivo de instrumentos musicais (CRUVINEL, 2005). Ao utilizarem uma metodologia onde se busca integrar aspectos inerentes aos processos de educação musical e promover um processo de transformação social de seus participantes, desenvolve-se um senso crítico e a consciência do papel da arte na vida e na sociedade como um todo. Dividiremos nossa exposição, da seguinte maneira, a saber: (a) Questão de pesquisa e Objetivos da investigação; (c) Pressupostos teóricos; (d) Procedimentos metodológicos; e (e) Conclusões e considerações finais.

2. Questão de pesquisa e Objetivos da investigação

Em nossa pesquisa, buscamos responder as seguintes questões: (a) Quais são os comportamentos verbais e não verbais mais frequentes manifestados pelo professor nas três aulas coletivas de violão por nós analisadas?; e (b) Como se caracteriza o comportamento verbal de professores de música em aulas coletivas de instrumentos musicais? Dessa forma, como objetivo específico temos a descrição do comportamento verbal de um professor de música em três aulas coletivas de violão.

3. Pressupostos teóricos

As observações sistemáticas em sala de aula, cuja finalidade é a “[...] obtenção de dados objetivos e relevantes para o professor e o aluno sobre as atividades de interação em um ambiente de aprendizagem [...]” (BOYLE; RADOY, 1987, p. 220, tradução nossa), tornam-se instrumentos importantes para a educação, na medida em que permitem ao professor ter consciência de seu próprio comportamento educacional, a fim de aprimorá-lo. Tais dados se apresentam como instrumentos que fornecem registros precisos, objetivos e quantificáveis sobre o comportamento real em sala de aula.

As primeiras aplicações de observações sistemáticas em contextos de sala de aula de música, inicialmente, limitavam-se ao registro do comportamento verbal de professores e alunos. Após adaptações dos sistemas de análise da interação verbal (FLANDERS, 1970) diversos pesquisadores passaram a desenvolver seus próprios sistemas de observação, mais afins as práticas musicais e a natureza não verbal da música. É importante ressaltar que:

[o]s sistemas de observação são na verdade maneiras objetivas e organizadas de ‘olhar’ a sala de aula. Eles não avaliam, mas oferecem dados ao professor para este comparar sua visão pessoal com uma análise mais objetiva dos fatos (CARVALHO, 1985, p. 66).

Em nossa pesquisa, adotamos o referencial teórico-metodológico desenvolvido por Erbes (1972). Assim, utilizamos o sistema de observação sistemática *Rehearsal Interaction Observation System* (RIOS).

4. Procedimentos metodológicos

A fim de responder nossas questões de pesquisa e cumprir nosso objetivo específico, faremos a análise da interação professor-aluno em três aulas coletivas de violão, de uma turma selecionada, tendo como foco o comportamento verbal do professor.

Nossa amostra é classificada não probabilística por julgamento e é composta por um professor de música (licenciando em música com cinco anos de experiência) e dez alunos (com idades entre sete e nove anos, iniciantes ao instrumento) de um projeto social que atende crianças em risco social na cidade de Vitória, Espírito Santo (ES). Utilizamos com critério de seleção do sujeito (professor) ser licenciando ou licenciado em música e possuir, ao menos, um ano de experiência em ensino coletivo de instrumentos musicais.

Como instrumento de coleta de dados utilizamos o *Rehearsal Interaction Observation System* (RIOS) (ERBES, 1972), para analisar a interação professor-aluno em sala de aula. Tal sistema de observação sistemática do comportamento é destinado a categorizar, analisar e relatar a interação verbal, e certas formas de comunicação não verbal de professores e alunos durante o ensaio de grupos musicais (ERBES, 1972). A cada três segundos, classificamos o comportamento verbal e não verbal do professor, segundo a categorização proposta pelo RIOS (ERBES, 1972) (Quadro 1).

<i>O Sistema de Observação da Interação em Ensaios</i>			
		Nº	Descrição da <i>Categoria</i>
	Influência Direta	01	<i>Usa</i> : uso do regente, esclarece, ou repete ideias, <i>performance</i> , comportamentos, ou sentimentos sugeridos pelos alunos.
		02	<i>Encoraja</i> : o regente incentiva, elogia, ou aceita ideias dos alunos, <i>performances</i> ou comportamentos.
		03	<i>Pergunta</i> : perguntas do regente com a intenção de que o aluno responda. Perguntas também podem ocorrer em outras categorias destinadas ao regente.
			<i>Informa</i> : o regente dá informações, exposições, ou emite opiniões baseadas em suas próprias

Comportamento do Regente	Influência Indireta	04	ideias ou aquelas advindas dos alunos. Respostas curtas às perguntas dos alunos e perguntas retóricas são incluídas no item #4.
		05	<i>Demonstra:</i> o regente demonstra a maneira pela qual um ato é ou deve ser performatizado ou realizado. (Geralmente são de natureza não verbal)
		06	<i>Direciona:</i> o regente dirige ou comanda o estudante com a intenção de ser obedecido.
		07	<i>Critica:</i> o regente critica, rejeita ou desafia as ideias dos alunos, <i>performance</i> , comportamentos e sentimentos.
		08	<i>Corrige:</i> o regente verifica ou corrige as ideias dos alunos, a <i>performance</i> ou o comportamento de uma maneira óbvia.
Comportamento do Aluno		09	<i>Responde:</i> O aluno responde ou pergunta de uma forma estruturada pelo regente.
		10	<i>Inicia:</i> O aluno inicia a comunicação ou as questões de uma forma não estruturada pelo maestro.
Silêncio		11	<i>Silêncio ou confusão:</i> Períodos em que a comunicação verbal não pode ser entendida. Períodos construtivos devem ser indicados por 11+ e períodos não construtivos por 11-.

Quadro 1 - Categorias do Sistema de observação desenvolvido por Erbes.

Fonte: Erbes (1972, p. 101-102, tradução nossa)

Quando a demonstração realizada pelo diretor/regente ou aluno é de natureza não-verbal, o símbolo 'x' deve ser adicionado à Categoria 5 (5x). Demonstrações deste tipo são uma extensão das categorias verbais e podem incluir comportamentos, tais como: (a) cantar; (b) assoviar ou utilizar outros sons orais; (c) bater palmas ou pés, (d) tocar um instrumento para ilustrar uma ideia ou opinião.

Após o registro dos comportamentos e transcrições das aulas, realizamos um treinamento nas técnicas de codificação e decodificação do RIOS, conforme sugerido por Erbes (1972). Tal treinamento consiste na realização de 4 horas de exercícios de codificação, segundo o RIOS, da transcrição de uma aula codificada por Erbes. Assim, compararemos nossa codificação com a realizada por Erbes. Um índice de concordância de 70% é considerado aceitável para este tipo de codificação (YARBROUGH, 1992). Em nossa pesquisa, alcançamos índices de concordância acima de 80%.

Em seguida, depois da codificação dos comportamentos observados, verificamos a frequência e sequência de cada comportamento registrado, determinando sua duração e ocorrência. Estes valores foram convertidos em porcentagem para posterior tratamento estatístico e comparação entre as aulas selecionadas para o estudo, tendo como procedimento central a Estatística Descritiva (MURTEIRA, 1996).

5. Conclusões e considerações finais

Traçando um perfil comum sobre as aulas observadas realizamos uma média simples entre os índices encontrados (ERBES, 1972), conforme Tabela 1:

<i>Tempo de aula observado</i> 30' 1800''	<i>Índice de Interação</i>	<i>Porcentagem</i>
	Participação do Professor (PP)	43.0%
	Participação do Aluno (PA)	8.7 %
	Comportamento Indireto/Direto (I/D)	16.6%
	Relação Fala/Performance (F/P)	32.1%
	Resposta do Professor ao Aluno (RPA)	16.6%
	Perguntas do Professor Durante Informação (PDPI)	13.0%
	Iniciativa do Aluno (IA)	81.9%
	Relação comportamento Não-verbal/Verbal (NV/V)	1.9%

Tabela 1 – Média da Análise numérica – Aula 1, 2 e 3

Como podemos observar, em termos de distribuição dos comportamentos em aula (média entre as aulas 1, 2 e 3), podemos afirmar que: (a) o professor apresenta 43% da interação professor-aluno (PP); (b) 8.7% desta interação é referente ao aluno (PA). Realizando-se uma média entre as porcentagens de frequência de *performance* e momentos de silêncio ou confusão encontradas nas três aulas, observamos que: 40% dos comportamentos são referentes à *performance* e 7.6% são referentes a silêncio ou confusão.

Dessa forma, podemos dizer que o professor apresenta um perfil dominante em sala de aula, onde o aluno participa pouco, excetuando os momentos de *performance*. Este apresenta ainda uma predominância de comportamentos diretos (83.4%), em comparação aos seus comportamentos indiretos - 16.6% (I/D). Tal perfil dominante/direto, significa que o professor é o responsável pela maior parte dos comportamentos verbais em sala de aula e dentre estes os mais comuns são referentes à informação (categoria 4), demonstração verbal e não-verbal (categoria 5 e 5x), direcionamento (categoria 6), crítica (categoria 7) e correção (categoria 8).

Este comportamento dominante em sala de aula pode ser definido como uma tendência tradicional de ensino (LIBÂNEO, 1985), uma vez que o professor é o centro do processo educacional. Para Fernandes (2000, p. 53), a tendência tradicional em educação musical “[...] preserva o lado cognitivo, descartando qualquer desvio na aquisição de um saber ‘universalmente’ reconhecido. Utiliza-se da cognição, da memória e o do pensamento convergente – a repetição e a imitação”.

Em relação à razão fala/*performance* a média das três aulas foi de 32.1% (F/P). Isto significa que a maior parte do tempo da aula é preenchida por atividades de *performance*

(67.9%). Tratando-se de aulas coletivas de instrumento, este é um fato natural, visto que existe uma preparação de repertório com vistas a apresentações públicas.

Entretanto, segundo Swanwick (1979), um processo amplo de educação musical deve contemplar, de maneira qualitativamente equilibrada, atividades de composição, apreciação e *performance*. Isto não significa que ‘tocar’ em sala de aula seja errado, mas para que esta atividade seja significativa para o aluno deve ir além das atividades de imitação, repetição e decodificação (SWANWICK, 1979).

Quanto à participação do aluno em sala observamos que este possui 8.7% (PA) dos comportamentos totais observados. Entretanto, o índice que mede a manifestação verbal espontânea do aluno é de 81.9% (IA). Este resultado não é contraditório, pois ele indica que o aluno continua participando verbalmente pouco da aula, entretanto nos momentos que participa 81.9% o faz de modo espontâneo, ou seja, as manifestações verbais dos alunos não são previstas pelo professor.

É consenso entre os professores de ensino coletivo que os alunos aprendem entre si, e por estarem em conjunto, todos aprendem com todos, devendo-se ser valorizada a autonomia deste em sala de aula (TOURINHO, 2007). Todavia, nossa análise revela que nessas três aulas observadas, os alunos interagem pouco entre si (2.5%) e o professor não manifesta, de maneira frequente comportamentos que valorizam a autonomia do aluno, pois o índice I/D é de 16.6%. Dessa forma, o professor apresenta um índice RPA igual a 16.6%, o que significa um o reduzido número de comportamentos de apoio e/ou incentivo ao aluno. Este baixo índice não significa que o professor não apoie seus alunos, mas que a manifestação explícita, manifestação verbal deste incentivo, é pouco presente.

Outra correlação a esta pequena participação do aluno é feita com relação ao índice PDPI (13.0%). Este índice indica a quantidade de perguntas que o professor realiza enquanto informa (categoria 4). Se o professor manifesta muitas perguntas o aluno possui maiores oportunidades para se manifestar, e, levando-se em consideração o elevado índice IA, podemos dizer que, nesta turma em especial, os alunos são participativos e tendem a um comportamento colaborativo.

Observamos que, em termos de razão entre comportamentos não-verbais e verbais, o índice NV/V foi de 1.9%. Ou seja, a maior parte dos comportamentos observados nessas aulas foram verbais, cerca de 98.1%. Segundo Erbes (1972) é comum em ensaios um alto índice de comportamentos não-verbais, entretanto em nossa amostra estes comportamentos foram reduzidos, talvez devido ao fato do professor não assumir somente a função de regente da turma, mas uma função mista entre regente e professor, o que

definiríamos como um diretor de ensaio. Analisando a frequência de cada categoria em nossa observação, podemos estabelecer as seguintes relações, conforme Figura 1:

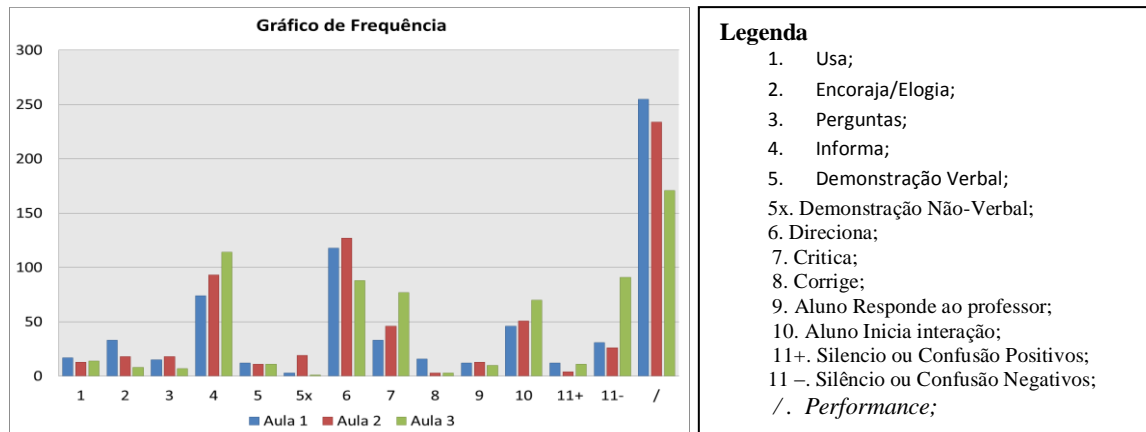


Figura 1 – Gráfico de frequência referente às aulas 1, 2 e 3
Fonte: nossa

Analisando estes gráficos, referentes às três aulas observadas, podemos afirmar que: (a) as categorias *performance*, 6 (direciona) e 4 (informa) são as mais frequentes; e (b) as categorias 1 (usa), 2 (encoraja/elogia), 3 (perguntas), 5 e 5x (demonstração verbal e não-verbal) e 8 (corrige) são as menos frequentes. Observamos que as atividades de *performance* acontecem antes e depois do ‘direcionamento’ (categoria 6). Este perfil de aula assume contornos de ‘ensaio’ ou ‘estudo dirigido’ sobre um repertório conhecido, uma vez que a familiaridade dos alunos com o repertório não requer a manifestação de correções (categoria 8 – 0.6%) e/ou demonstrações (categoria 5 e 5x – 0.9%, 0.6%) por parte do professor.

Compreendemos que a observação sistemática é um instrumento relevante para a educação, mas poderíamos ampliar os resultados deste tipo de análise integrando outros métodos de pesquisa de natureza qualitativa (subjetiva). Assim, em nossa observação e descrição poderíamos saber: (a) os motivos que levaram o professor a adotar tais ou quais comportamentos em sala de aula; (b) quais são os valores em educação musical defendidos pelo professor; (c) observar se existem contradições ou coerência entre seu discurso e a sua prática pedagógica; (d) até que ponto a direção do projeto social por nos pesquisado influencia/intervêm sobre o planejamento do professor; (e) se os alunos compreendem e concordam com as práticas pedagógicas apresentadas pelo professor; entre outros.

Todos estes questionamentos ficam como possíveis desdobramentos desta pesquisa, visto que não haveria tempo hábil para inseri-los neste presente trabalho. Entendemos que estas informações são importantes para compreendermos o que de fato acontece em sala de aula, e não somente analisar o feito/fato. Ou seja, a observação

sistemática, em suma, é como a análise de uma fotografia da sala de aula em determinado momento, apesar de observarmos os fatos que estão ocorrendo (evidências) não sabemos exatamente os por quês destes comportamentos ou em que contexto estes ocorreram.

Esperamos ao final desse trabalho ter gerado diversas questões sobre a análise da interação professor-aluno em aulas coletivas de instrumentos musicais e sobre a relação professor-aluno no campo da educação como um todo. Que estas questões se transformem em pesquisas, e essas pesquisas em melhorias para a educação brasileira.

6. Referências

BOYLE, J. David; RADOY, Rudolf E. *Measurement and evaluation of musical experiences*. New York: Shirmer Books, 1987.

CARVALHO, Ana Maria Pessoa de. *Prática de ensino: os estágios na formação do professor*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

CRUVINEL, Flávia Maria. *Educação Musical e Transformação Social: Uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

ERBES, Robert Leonard. *The development of an observational system for the analysis of interaction in the rehearsal of musical organizations*. 1972. 204 f. Tese (Doctor of Education in Music Education) - University of Illinois, Urbana, Illinois, 1972.

FERNANDES, José Nunes. Caracterização da didática musical. *Debates*. Revista do PPGM/UNIRIO. n. 4. Rio de Janeiro, PPGM/UNIRIO, p. 49-74, 2000.

FLANDERS, Ned. *Analyzing Teaching Behavior*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1970.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1985.

MURTEIRA, Bento. *Análise exploratória de dados: estatística descritiva*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, 1996.

SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. London: Routledge, 1979.

TOURINHO, Ana Cristina G. S. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. Encontro Nacional da ABEM, 16., 2007, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Associação Brasileira de Educação Musical, 2007, v.1, p. 1-8.

YARBROUGH, Cornelia. Investigação por observação. In: KEMP, Anthony E. *Introdução à investigação em educação musical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkia, 1992, p. 87-110.